

## Mulher, antropóloga & emérita: meio século de engajamento político e científico nas fronteiras amazônicas

Entrevistada  
Jane Felipe Beltrão

Entrevistador  
Ramiro Esdras Carneiro Batista<sup>1</sup>  
CLII, UNIFAP

[ramiro.esdras.carneiro@gmail.com](mailto:ramiro.esdras.carneiro@gmail.com) - orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2050-7362>

### 1. APRESENTAÇÃO

*Jane Felipe Beltrão* é Professora Titular da Universidade Federal do Pará (UFPA). Antropóloga, historiadora, ativista política e defensora de direitos humanos, a cientista belemense formou mais de meia centena de pesquisadores e pesquisadoras na Amazônia oriental, considerando-se apenas o espaço da pós-graduação; além de ter nutrido propostas inovadoras de itinerários formativos para povos e populações etnicamente diferenciadas, notadamente no que tange aos necessários recortes de direito, saúde, educação, gênero e etnodesenvolvimento. Ao tempo em que organizou e publicou relevante produção científica como Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2024) do Brasil, também foi responsável direta pela organização e coordenação de projetos de ensino, extensão e gestão universitária que, ao longo de décadas, situam sua instituição de ensino superior dentre as pioneiras da América Latina, no que diz respeito à implantação e consolidação de políticas de ações afirmativas. Recentemente, a cientista amazônica foi alçada ao lugar de Professora Emérita, como um reconhecimento pelo conjunto da obra, exarado pelo Conselho Superior da maior universidade da Amazônia brasileira. No calor do momento,

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia (CEIVA); Mestre e Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). Professor adjunto no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (CLII-UNIFAP).

a Professora Jane compartilha conosco algumas de suas reflexões sobre as sendas percorridas e as causas que seguem comovendo-a; além de lançar um olhar sobre o recente desmonte da universidade e do serviço público brasileiro, vivenciado de forma concomitante em delicado momento da história nacional.



**Figura 1** - Jane Felipe Beltrão. Fonte: Acervo da entrevistada, 2024.

Nota: #ParaTodosVerem: na imagem, uma mulher branca ostenta um sorriso. Ela está de cabelos soltos e usa uma blusa azul, complementada com brincos e colar avermelhado.

## 2. ENTREVISTA

**Ramiro Esdras** - Professora Jane, muito obrigado por reservar um tempo para conversar conosco! Em um momento significativo para a senhora, e, aqui me refiro ao seu recente agraciamento com o título de Professora Emérita – conferido pela Universidade Federal do Pará<sup>2</sup> – imagino que estejas cercada de afazeres outros, além dos cotidianos. Por falar em Universidade da/na Amazônia, seu lugar de produção política e científica por atavismo, mas principalmente, seu lugar de vida, nota-se que a senhora sempre o refere no plural... então podemos começar com a senhora nos dizendo o porquê de referir-se ao espaço como Amazônia(s)?

**Jane Beltrão** - Conversar é sempre um prazer, Ramiro. E falar de Amazônias é uma forma de se insurgir contra a homogeneidade que se nos impõem as políticas de

<sup>2</sup> Conforme Resolução nº 5.711 exarada em 13 de dezembro de 2023, pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Pará (CSEPE - UFPA). (*Resolução 5.711, 2023*).

subalternidade que diuturnamente tentam nos silenciar. A Amazônia não é homogênea em nenhum de seus aspectos. A geografia, a fauna a flora e especialmente seus filhos e filhas são diversos/as, falam línguas diferentes entre si e mantêm culturas específicas e diferenciadas que atravessam o mundo urbano que tenta apagar as marcas do mundo rural ou “da floresta”, congregando povos indígenas, coletivos quilombolas e demais povos tradicionais, para além das populações citadinas. As Amazônias se fazem presentes em diversos países. Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela, e a Guiana Francesa, que ainda é um departamento de ultramar mantido pela França, integram o que eu chamo de Amazônias. Dentro de cada um dos Estados os direcionamentos políticos, econômicos e sociais são diferenciados. Portanto, existem diversas Amazônias e vale insistir na diversidade, pois o pluralismo deve contemplá-la, basta de colonialismos!

**Ramiro Esdras** – Professora Jane, mesmo sendo uma pessoa de pertença belemense/amazônica, a senhora também é uma mulher branca que foi exposta a um longo processo de formação epistêmica eurocentrada. Não obstante, é uma das autoras mais incisivas em chamar a atenção das/os cientistas sociais em formação para a necessidade de ouvir/refletir nas nuances de uma história afro e indígena, elaborada em seus próprios termos.<sup>3</sup> Isto denota um nível de intimidade com os povos indígenas e as populações tradicionais de diferentes partes dos mundos amazônicos que, convenhamos, não é habitual (ou característico) do fazer científico de sua geração. Conseguir identificar (e poder compartilhar conosco), de onde vem essa afinidade com pessoas e povos cujos arranjos linguísticos e epistêmicos se apresentam tão distantes do fazer acadêmico, ainda euro e etnocentrado?

**Jane Beltrão** - Eu fiz licenciatura plena em História e, no curso, me apaixonei pelas disciplinas do campo da Antropologia, inclusive me aventurando pela formação em Bioantropologia e Arqueologia. Assim sendo, fui levada pelo senso de justiça a tentar compreender o mundo, o outro do “ponto de vista do nativo”. Talvez pelo fato de me incomodar com as gentes que saíam de Belém para o Rio de Janeiro desprezarem os costumes locais. À época (anos 60 do século XX), os costumes locais eram considerados coisa de menor importância. Os costumes da terra eram chamados pejorativamente de “caboquices” (coisa de caboclo, de pessoa matuta, pouco civilizada) e se valorizava as pessoas que voltavam do Rio de Janeiro com sotaque diferente. As comidas e os costumes considerados do Pará voltaram à cena já nos anos 80 do século XX. Como belemense me revoltava com a submissão aos padrões não locais. Por outro lado, o impacto dessa conduta era negar a existência de povos indígenas e populações tradicionais, pois assim talvez se alcançasse o patamar de civilização requerido pelo eurocentrismo e pela

<sup>3</sup> Sobre o assunto, consultar: (Beltrão & Lopes, 2017, pp. 16-24).

arrogância de uma elite burguesa e de uma classe média alta que se acreditavam importantes. O quadro que descrevo é meio grotesco, mas me levou a pensar nas pessoas étnicas e racialmente diferenciadas. Minhas primeiras ações como professora foram analisar os livros didáticos de História e Geografia para tentar corrigir os estereótipos sobre povos indígenas, comecei trabalhando com oficinas para professores da rede pública do estado do Pará. A experiência me fez estudar de forma mais profunda o assunto, fiz estágio no Museu Paraense *Emílio Goeldi* enquanto cursava a graduação e logo me tornei sócia da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). No Goeldi fui estagiária de Eduardo Enéas Galvão e ele era um etnólogo de boa estirpe, nos fazia ler como refletir a partir de longas conversas sobre a vida dos povos indígenas no Alto Xingu e no Alto Rio Negro. Com essa formação não tinha como não atender o chamamento por direitos diferenciados. Mais adiante trabalhei, por nove meses, na Fundação Nacional do Índio, que hoje se chama Fundação Nacional dos Povos Indígenas. E assim a experiência foi chegando, aos poucos e quando entrei na Universidade Federal do Pará há 34 anos fui construindo um percurso que de alguma maneira agregava os estudos sobre o que hoje se chama de forma mais ampla de pessoas, grupos e populações vulnerabilizadas. Estudei operárias, passei pelas epidemias buscando problematizar questões que me pareciam encobertas por temas que são considerados importantes, como por exemplo Cabanagem – revolta considerada popular que varreu a Província do Grão-Pará e Rio Negro – e Ciclo da Borracha – que marca as regiões amazônicas pela exploração de seus trabalhadores (seringueiros/as) que no fundo das estradas de seringa – caminhos da extração da borracha – produziram o fausto dos quais as pessoas não esquecem. Indo na contramão dos temas, encontrei os temas que me seduzem pela violação de direitos humanos.

**Ramiro Esdras** – Como historiadora, a senhora publicou trabalhos que nos instigam a pensar em eventos pandêmicos/sindêmicos, no curso do tempo e do espaço. Considerando a discussão atualíssima, tendo em vista nossa necessidade de lidar com os legados do SARS-COVID e, provocado por sua investigação sobre o flagelo do *Cholera morbus* em meados do período oitocentista no Pará<sup>4</sup>, tenho percorrido hebdomadários que versam sobre os impactos da assim designada gripe “espanhola” no sudeste brasileiro, no início do século XX. Escrutinando os velhos jornais me parece tudo absurdamente familiar: os discursos condicionados à conveniência de forças hegemônicas em atuação nos órgãos de saúde; a especulação financeira que acaba infringindo mais degradação aos meios de vida e reprodução das classes populares; essa nossa condição biomédica que não é natural, enfim, mas retroalimenta-se das condições de produção e (péssima) distribuição da riqueza nas sociedades humanas. A senhora pode nos dizer algo sobre o porquê de não conseguirmos aprender com os eventos epidêmicos?

<sup>4</sup> Sobre o assunto, consultar: (Beltrão, 2007).

**Jane Beltrão** - A trama é complexa. Creio que os eventos epidêmicos são tomados como acidentes e algumas vezes iniciam longe dos centros urbanos e não são publicizados de imediato. O fato dificulta a compreensão dos eventos que desculpe a expressão “matam aos borbotões” sem que os serviços de saúde no passado ou no presente consigam tratar de forma adequada seus usuários que têm suas vidas encerradas, vítimas que são da incúria das autoridades sanitárias que, no início dos eventos, praticam o que hoje, após a Covid-19 chamamos de negacionismo. No século XIX e XX com a Cólera e no século XXI com a Covid-19 o comportamento foi semelhante, às autoridades políticas e sanitárias tentaram “tapar o sol com a peneira” e o resultado foi os números das mortes em 1955, 1972 e 2020. Outro fato que dificulta a ação de combate às epidemias é a compreensão de que as Amazônias são lugar de intempéries, pois pouco civilizada e lugar de endemias, além de alvo de colonialismo interno, no caso do Brasil, terminam em catástrofes anunciadas. Nós que somos “da terra” vivenciamos as disputas políticas, o desprezo por nossas vidas e sofremos as consequências da incúria. As mortes de 1855 e 2020 reduziram a população da região de forma drástica. Sendo uma antropóloga que considera as permanências e uma historiadora que tem a mudança como alvo, juntei as marcas das ciências que integram a minha formação e, creio eu, consigo apresentar quadros epidêmicos de forma antropológica e historicamente situada. Uma das formas de combater a imagem das Amazônias, como os lugares de doenças tropicais que espalham para outros lugares as mazelas do mundo, é estudar o que ficou abandonado nos “armazéns da memória”. A incúria política sanitária possui sobrenome registrada como cólera ou Covid-19, passando pelas endemias como hanseníase e tuberculose.

**Ramiro Esdras** – Professora Jane, especialmente nas duas últimas eleições presidenciais no Brasil, pude testemunhar vosso engajamento e preocupação<sup>5</sup>, que a levaram a estar nas ruas, em diferentes oportunidades e eventos, alertando as pessoas para o perigo e a delicadeza do momento político que vivíamos, desde o advento da figura nefasta de FORA-TEMER (insisto que o cidadão em tela merece adentrar a história com esse epíteto). Pessoalmente, presenciei seu discurso emocionado sobre amigos que foram retirados do ambiente da Universidade aos trambolhões, na oportunidade, por ordem da ditadura civil-militar. Ocasão em que a senhora desenhava para nós o quadro que se avizinhava, com base nas lições de sua própria história de vida. Ouvimos com atenção aquelas lições e, mesmo assim, tivemos de assistir a uma malta de desqualificados assumir as rédeas do Estado e, no caminho, garrotear a Universidade pública. As recentes publicações do andamento das investigações da polícia federal brasileira demonstram que estivemos muito próximos de mergulhar em outra era de chumbo, o que demonstra o

<sup>5</sup> Sobre o assunto, ver: (Beltrão, 2022).

quão frágil é o pacto societário brasileiro. Já é possível respirar aliviado, enquanto os golpistas e milicianos encontram-se sob investigação?<sup>6</sup>

**Jane Beltrão** – Respirar aliviado é esquecer que a Democracia requer vigília constante. A Democracia rompe o pacto das elites, mas inconformadas elas se refugiavam, em esgotos chamados palácios e conspiram contra as conquistas da maioria. Eu sempre informo aos mais jovens que as gerações anteriores não podem ser esquecidas, a geração que me precede e a minha luta, ainda hoje, se insurgem contra os arbítrios e os mais jovens não podem deixar de abraçar a Democracia sob pena de mergulharmos no obscurantismo que nos massacra. Temos que olhar o passado e fazer emergir as boas estratégias, aperfeiçoando-as para manter vivas a Democracia. Nossa batalha é por expulsar as forças que tentam se sobrepor a todos/as. Se posso oferecer um caminho, digo procurem conhecer as “intentonas”, pois os golpistas andam à solta. É preciso exigir direitos, mas para tanto o passado precisa ser conhecido, pensem que só faz 60 anos que iniciou os 21 anos de ditadura que atravessou nossas vidas, ceifando muitos jovens que desejavam unicamente um futuro melhor. Olhem a volta e sempre veremos, um pai, uma mãe, alguns/mas irmãos/irmãs, vizinhos/os presos por razões políticas ou desaparecidos/as pelas forças repressivas. Eu peço com humildade, veja *Arqueologia no Doi-Codi – rompendo o silêncio*<sup>7</sup> e, na sequência após o impacto do documentário, vejam também que o *Instituto Butantan produziu veneno para ditadura chilena assassinar opositores*<sup>8</sup>. Penso que assim, nos damos conta das graves formas de agir das elites e de sã consciência podemos assumir o papel de cidadãos/ãs. Talvez, aqueles que agiram para impedir que o 8/1 de 2023<sup>9</sup> se espraiasse e nos envolvesse em mais uma intentona. Para evitar e combater as mazelas é preciso, lembrar, conhecer e agir mantendo-se vigilante pela Democracia. Portanto, devemos gritar a plenos pulmões: fora golpistas.

**Ramiro Esdras** – Professora Jane, peço vênica para insistir uma vez mais no título de Professora Emérita. O Darcy Ribeiro costumava dizer, de forma bastante jocosa, que os modestos têm o direito de sê-lo, porque cada um sabe de si. Isso me faz pensar que nós não precisamos ser modestos (risos). Creio que posso afirmar que os parceiros/as e orientandos/as/es do diretório de pesquisa liderado por vossa senhoria manifestaram, de diferentes maneiras, muito entusiasmo e faceirice com o justo reconhecimento, mas somente a senhora pode dizer o quanto custou – em nível pessoal e profissional – tomar as sendas e os posicionamentos que tomou, ao longo das últimas décadas. Imagino eu que algumas coisas são mais fáceis de sentir do que explicar. Pode nos dizer algo do sentimento

<sup>6</sup> Sobre o assunto, ver: (Uol, 2024).

<sup>7</sup> (TV Unicamp, 2024).

<sup>8</sup> Ver: (Barbo, 2024).

<sup>9</sup> Sobre os eventos ocorridos em 08 de janeiro de 2023 na capital federal brasileira, consultar a matéria: (“Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF”, 2023).



de receber essa honraria da Universidade que a pariu como intelectual; ao tempo em que também foi nutrida por seu trabalho, ao longo de toda uma vida?

**Jane Beltrão** - Eu gosto imensamente do meu trabalho. Eu me preocupo, crio e, ao mesmo tempo, me divirto. As emoções são muitas, vão do prazer à cólera, entretanto, os momentos de alegria superam os de tristeza. Aprendi, a duras penas, a controlar as frustrações do que não posso, não devo ou é impossível alcançar. Aprendi que sozinha não faço quase nada, o que importa é o coletivo, é o respeito mútuo e o companheirismo. Nada supera, em termo do que faço, ajudar a formar alguém e se a pessoa for alguém que durante anos foi excluído das lides acadêmicas é mais gratificante. Quando ajudei a formar intelectuais indígenas como mestres/as e doutores/as fiquei encantada, não conseguia acreditar que as políticas afirmativas triunfaram. Ser indicada para professora emérita da Universidade Federal do Pará, em plena atividade acadêmica, é uma honra! Ouvir os aplausos, os comentários elogiosos, as brincadeiras e participar do ritual é algo diferente, é o reconhecimento de uma vida de trabalho. Sou grata a estudantes, técnicos e colegas pela cooperação em momentos diversos da carreira. Creio eu que, deixando a modéstia de lado, valeu a pena estar na academia, talvez em outro lugar eu não tivesse tido ouvidos para as demandas da educação. Educar é mudar, é restaurar direitos é lutar pela Democracia, portanto estou feliz e agradecida, afinal, como no filme, *assim se passaram 44 anos!*

## REFERÊNCIAS

Barbo, S. (2024, 13 de março). Instituto Butantan produziu veneno para ditadura chilena assassinar opositores: documentos inéditos revelam que a junta militar chilena visitou Butantan em segredo com oficiais do regime brasileiro. *Pública - Agência de jornalismo investigativo*. <https://apublica.org/2024/03/instituto-butantan-produziu-veneno-para-ditadura-chilena-assassinar-opositores/>.

Beltrão, J. F. (2007). Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): tragédias se repetem?. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 14(sup.), 145-167. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/6ydDwQDSnwfDMJzNdsV58jB/>

Beltrão, J. F. & Lopes, R. C. S. (2017). Alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos. In P. Beltrão & P. M. Lacerda (Orgs.). *Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades*. (pp. 16-24) Mórula Editorial.

Beltrão, J. F. (2022). Povos indígenas, eleições e racismo. In B. Gersen et al. (Orgs.). *Sistematização das normas eleitorais - Eixo temático VII: participação política dos grupos minorizados*.

(pp. 37-60). Tribunal Superior Eleitoral. <https://www.tse.jus.br/o-tse/catalogo-de-publicacoes>

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2024). *Jane Felipe Beltrão*.

CNPq. [https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=186FFBCE6B2C48FD0663933CA96B7CED.buscatextual\\_0](https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=186FFBCE6B2C48FD0663933CA96B7CED.buscatextual_0)

Resolução nº. 5.711, de 13 de dezembro de 2023 (2023, 13 de dezembro). Concede o Título de Professora Emérita a Jane Felipe Beltrão. Universidade Federal do Pará. [https://sege.ufpa.br/boletim\\_interno/downloads/resolucoes/consepe/2023/5711%20Concede%20T%C3%ADtulo%20de%20Profa%20Em%C3%A9rita%20a%20Jane%20Felipe%20Beltr%C3%A3o.pdf](https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consepe/2023/5711%20Concede%20T%C3%ADtulo%20de%20Profa%20Em%C3%A9rita%20a%20Jane%20Felipe%20Beltr%C3%A3o.pdf)

Terrorismo em Brasília: o dia em que bolsonaristas criminosos depredaram Planalto, Congresso e STF (2023, 8 de janeiro). *G1*. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-quais-as-consequencias.ghtml>

TV Unicamp (13 de março de 2024). *Arqueologia no DOI-Codi: rompendo o silêncio* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=It9SeMZXtQA>

Uol (19 de março de 2024). *Atacar Bolsonaro e inocentar militares na trama golpista é erro, diz professor: 'Lula erra no alvo'* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=l6ocKn9KDX8>

Data de envio (Recebido) 05 de maio de 2024

Aceito em 09 de maio de 2024